

LETRAMENTO LÍRICO NO ENSINO FUNDAMENTAL: AGUÇANDO SENSIBILIDADE, VISÃO DE MUNDO E CRITICIDADE

LYRIC LITERACY IN ELEMENTARY EDUCATION: SHARPENING SENSITIVITY, WORLDVIEW AND CRITICALITY

Adilson Oliveira ALMEIDA¹

RESUMO: Este artigo trata do ensino da poesia e, especificamente, do letramento lírico no ensino fundamental. Discute a marginalização e desprestígio a que a poesia é relegada em nossas escolas da educação básica. A leitura de poesia e o letramento lírico são essenciais para que o estudante desse nível da educação básica aplique e faça bom uso de seus conhecimentos nos vários contextos sociais. O trabalho com o gênero poema e/ou com outros textos que retomem a linguagem poética é bastante enriquecedor para o aluno, uma vez que lhe permite alcançar um considerável nível de humanização, sensibilização, posicionamento crítico e reflexão sobre a cultura de um povo, e sua própria história no mundo. Como fundamentação teórica deste trabalho, recorreremos a Cosson (2014); Sorrenti (2013), Perrone-Moisés (2000); Paz (2012); Todorov (2009); Ramalho (2014); Compagnon (2010 e 2012); Candido (1987); Pinheiro (2007); Paixão (1983) e outros autores.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura de poesia. Letramento lírico. Texto poético. Ensino.

ABSTRACT: This article deals with the teaching of poetry and specifically lyric literacy in elementary school. It discusses the marginalization and desprestige to which poetry is relegated in our schools of basic education. Poetry reading and lyrical literacy are essential for students at this level of basic education to apply and make good use of their knowledge in various social contexts. Working with the poem genre and / or other texts that return to poetic language is very enriching for the student, since it allows him to achieve a considerable level of humanization, sensitization, critical positioning and reflection on the culture of a people, and its own history in the world. As theoretical foundation of this work, we resort to Cosson (2014); Sorrenti (2013), Perrone-Moisés (2000); Paz (2012); Todorov (2009); Ramalho (2014); Compagnon (2010 and 2012); Candido (1987); Pinheiro (2007); Paixão (1983) and among others.

KEYWORDS: Reading of poetry. Lyrical lyrics. Poetic text. Teaching.

1. Professor de Língua Portuguesa da Rede Pública Estadual de Sergipe. Graduado e Licenciado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe. Pós-graduado com especialização em Gestão e Educação pela Faculdade Pio Décimo. Mestre Profissional em Letras pela Universidade federal de Sergipe, São Cristóvão. E-mail: adilson.revisor@gmail.com. Identificador ORCID nº 000-0001-9160-1730.

Introdução

Sabe-se que, na prática diária do ensino de língua portuguesa na educação básica, especialmente no âmbito do ensino fundamental, é necessário que os alunos tenham contato e desfrutem de leituras dos gêneros textuais da esfera literária. Essas experiências são essenciais para que os estudantes tornem-se mais conscientes de sua realidade, mais capazes de refletir sobre os problemas, desafios e anseios da sociedade e sejam dotados de um senso crítico e estético bem aguçado. Isto porque a literatura nos fala de nós mesmos e das perspectivas das diversas realidades.

Quando pensamos na leitura e vivência de poesia no contexto escolar, chegamos à conclusão de que não podemos perder de vista os sentidos que a literatura nos confere e como é tamanha sua importância para o desenvolvimento humano. Antonio Candido tratou especificamente do patrimônio literário enquanto um bem incompressível do qual as pessoas, de um modo geral, têm sido privadas, o que tem como consequência uma sociedade menos pacífica, com seres humanos menos politizados e pouco conscientes de seu papel como cidadãos. Esse autor nos diz que a literatura “[...] nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza” (CANDIDO, 1987, p. 186).

A prática constante e adequada da leitura literária na sala de aula permite que os estudantes ampliem seus conhecimentos, alarguem sua visão de mundo, tenham uma postura crítica, sejam sensibilizados através da arte da palavra e adquiram condições e habilidades para aplicar tais conhecimentos em sua vida cotidiana e na comunidade em que estão inseridos, porque “a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade [...]” (CANDIDO, 1987, p.186).

Alguns estudiosos e críticos da arte literária, a exemplo de Leyla Perro-ne-Moisés, expressam posicionamentos críticos a respeito do apelo da indústria cultural e da sobreposição da chamada cultura de massa em detrimento da obra de ficção clássica. Segundo essa estudiosa, “[...] a literatura tem sido relegada a um lugar cada vez mais desimportante” (PERRONE-MOISÉS, 2000, p. 346-347), considerada um ramo do conhecimento humano não rentável, uma perda de tempo, coisa para desocupado ou lunático; algo não lucrativo, sem nenhuma aplicabilidade prática na vida das pessoas e no contexto social. É esta a visão de muitos.

1. Letramento lírico

O letramento lírico é a apropriação da leitura e da escrita, aliadas à vivência, de forma proficiente, dos textos poéticos em versos, ou mesmo dos textos em prosa poética, nas várias circunstâncias do cotidiano onde o código escrito se faz presente, e fazer bom e adequado uso desses textos na sociedade. Esse tipo de letramento permite à criança, ao adolescente e ao jovem terem a capacidade criativa e sentidos crítico e estético ampliados, dotando-os de sensibilidade para a arte da palavra, educando-os para as emoções.

Não basta assegurar ao aluno o letramento literário – porque este abrange os demais gêneros da esfera literária e são, mesmo quando fragmentados e não recebendo ainda o tratamento adequado na escola, mais trabalhados, a exemplo de crônicas, contos, capítulos de romance etc. – mas, sim, o letramento poético, lírico, tendo em vista o imensurável poder que a poesia tem de mexer com os sentimentos, gerar emoções, aguçar a criatividade e o senso crítico; enfim, levar o aluno a ter uma visão de mundo bem mais ampla. Conforme Paz: “A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de mudar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro” (PAZ, 2012, p. 21). Por estas e outras razões é que priorizarmos o letramento lírico.

Podemos afirmar que a poesia são as imagens criadas pelo artista; é a percepção incomum que rompe com o nosso automatismo habitual; que a poesia é a beleza contida na vida e nas diversas artes humanas; é a expressão das emoções; é a capacidade de ver o mundo e interpretá-lo por meio “de uma lente especial: a sensibilidade”, como menciona Paixão (1983, p. 7). Paz reforçamos esse nosso pensamento da seguinte forma: “A poesia transforma a pedra, a cor, a palavra e o som em imagens. E essa segunda característica, ser imagens, e o estranho poder que elas têm de suscitar no ouvinte ou no espectador constelações de imagens, fazem de todas as obras de arte poemas” (PAZ, 2012, p. 30-31).

Diante de tudo isso, entendemos o quanto é rica a arte poética ou lírica. Mas como a escola e os professores de língua materna poderão dar espaço ao texto lírico, se eles nem sequer exploram a contento a literatura de uma forma geral? E quando o fazem, fazem-no de forma equivocada e inadequada, aplicando os textos poéticos com o objetivo muito mais de se analisar a estrutura e os aspectos linguísticos do que de se fazer sentir a beleza da arte da palavra e sentir prazer por e com ela. Nesse sentido, Lajolo enfatiza que a escola é a mediadora dos contatos mais sistematizados das crianças com a poesia, “[...] e como é frequente que os textos mesmo bons sejam seguidos de maus exercícios, é bem provável que a escola este-

ja, se não (sic) *desensinando*, ao menos prestando um *desserviço* à poesia”. (LAJOLO, 2000, p. 51; grifos da autora). Por esta e outras razões, Lajolo finaliza o capítulo de onde foram extraídas essas palavras dizendo que a poesia é uma frágil vítima.

Quanto à leitura do texto literário, Antunes afirma: “Ler textos literários possibilita-nos o contato com a arte da palavra, com o prazer estético da criação artística, com a beleza gratuita da ficção, da fantasia e do sonho, expressos por um jeito de falar tão singular, tão carregado de originalidade e beleza”. (ANTUNES, 2009, p. 200). A não ou má escolarização da literatura é um fato bem visível nas escolas, tanto na educação básica quanto na universidade. O maior objetivo do ensino da literatura é propiciar que as obras sejam lidas, vividas, e não simplesmente dissecadas em estruturas. Quando o ensino da literatura se restringe às discussões acerca de escolas literárias, autores representativos de cada época, estilos dos escritores, contextos político e econômico, história social, características marcantes de determinada estética literária, dados biográficos dos autores e outros tópicos sem, de fato, ler-se a obra em sua íntegra e sentir o prazer que ela proporciona, está-se, na verdade, conforme proposto pelo modelo estruturalista, falando sobre a literatura e não lendo a literatura. No tocante a esta questão, comenta Cosson (2014):

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura (...) mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2014, p. 23).

Essas palavras de Cosson permitem-nos afirmar que cabe à escola a responsabilidade de trabalhar, adequada e sistematicamente, os textos literários, especialmente o lírico, sem deixar de considerar e dar a maior ênfase ao valor humano contido nas obras. Está mais do que provado que o letramento literário é uma prática social. A literatura não deve ser trabalhada na escola como se fosse uma simples recriação, uma mera mímese, ou uma cópia defeituosa ou malfeita da realidade que circunda o ser humano. Ela, de fato, revela os males, os sentimentos, a história, as contradições, os conflitos, as injustiças, os preconceitos e tudo que compõe o caráter e os valores morais e éticos das pessoas. Sendo assim, o ambiente escolar é o melhor espaço para se viver os textos literários, pois nessa instituição social existem seres humanos que enfrentam problemas dos diversos tipos e os refletem para as pessoas que com eles se relacionam no dia a dia. Sem contestação, a literatura tem uma importante função social, e como tal, precisa

ser adequadamente escolarizada; ela deve estar presente na escola para tornar nossos alunos mais cidadãos, mais críticos, conscientes da realidade em que estão inseridos; enfim, mais humanos e com a capacidade bem mais aguçada e abrangente de ver e sentir o mundo.

Tzvetan Todorov, teórico e crítico literário, filósofo e linguista búlgaro radicado em Paris/França desde 1963, colabora com a discussão acerca da literatura na escola quando assevera que o objeto de estudo da arte literária são as circunstâncias nas quais o homem vive, com seu modo de pensar e agir, e que, através dela, nós conhecemos melhor a nós mesmos e, conseqüentemente, os outros ao nosso redor. Quando afirma que “... o objeto da literatura [é] a própria condição humana, [e que] aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano” (TODOROV, 2009, p. 92-93), Todorov amplia a noção de compreensão da obra literária, que ultrapassa as técnicas apreendidas pelos estudantes e promove a literatura enquanto fonte de conhecimento e de compreensão do mundo.

No entanto, de acordo com o que se percebe nas escolas de ensino fundamental, tanto públicas quanto particulares, o ensino da literatura ainda permanece sendo um grande problema e entrave na educação, quando se pensa na competência e proficiência em leitura como um todo, visando ao letramento tanto geral quanto literário. No que concerne ao poema, a professora, pesquisadora e poeta Christina Ramalho revela-nos que, na escola atual, é retirado do poema todo o seu potencial como um gênero de texto da esfera literária que tem a capacidade de seduzir, deslumbrar, comover e fazer pensar, tornando-se quase um grande obstáculo no cotidiano da escola. “Quando a questão é ampliada para o universo do Ensino Fundamental, a complexidade ainda aumenta, uma vez que, muitas vezes, o gênero ‘poema’ é trabalhado mais em função de sua forma do que de sua importância como produto cultural” (RAMALHO, 2014, p. 83; aspas da autora). Cosson, por sua vez, coloca que “A prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra linguagem humana” (COSSON, 2014, p. 16). Sobre a importância do letramento literário na escola, esse autor comenta:

É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário [no nosso caso, aqui, o letramento lírico] é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo,

porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. (COSSON, 2014, p. 30).

Apesar de em muitas escolas, principalmente da rede pública, haver um razoável acervo literário em suas bibliotecas, o material disponibilizado ao corpo discente e geralmente utilizado nas aulas pelo professor é o livro didático, no qual – principalmente o da segunda fase do ensino fundamental – são explorados poucos textos literários, sobretudo no que se refere àqueles que deveriam figurar nesse tipo de material, apesar de ser apregoado na avaliação oficial do livro didático de língua portuguesa o trabalho com os diversos tipos e gêneros textuais. Há uma ênfase cada vez maior nos textos de caráter informativo, pressupondo que o acesso ao real se dá pela notícia, pelo artigo, pela informação, relegando a literatura ao ludismo da palavra, que, para a maioria dos alunos, não tem serventia.

Quando o texto da literatura aparece nos manuais didáticos, os docentes são levados, geralmente, a se deter muito mais na superfície do texto, em questões que exploram casos gramaticais e fenômenos metalinguísticos, com enunciados que visam apenas à observação de aspectos estruturalistas, que não promovem o diálogo com tal recurso, e muitas vezes explorando a mera interpretação literal do conteúdo, sem trabalhar os efeitos de sentido das palavras e sem adentrar nos aspectos estilísticos, estéticos, filosóficos e contextuais do texto literário, desprezando o que há de mais significativo nos textos. Corroborando esse pensamento, Dalvi diz

[...] que a literatura, do modo como [pensamos] (próxima, real, democratizada, efetivamente lida e discutida, visceral, aberta, sujeita à crítica, à invenção, ao diálogo, pastiche, à leitura irônica e humorada, à paródia, à contextualização individual e histórica, com manejo dos recursos – verbais, visuais, materiais e imateriais –, inserida no mundo da vida e em conjunto com as práticas culturais e comunitárias, sem medo dos julgamentos), nunca esteve no centro da educação escolar (DALVI, 2013, p. 77).

Como vimos, o trabalho com a literatura na escola deve fazer despertar no educando seu senso de cidadão e sua capacidade de atuação no universo cultural e social. Assim, o sistema escolar deve dar condições suficientes para que os professores de língua materna trabalhem a contento, em sala de aula, os gêneros da esfera literária, visando ao letramento literário – com especificidade, o letramento lírico – das crianças e adolescentes, visto que estes têm o direito de ser incluídos nas várias manifestações culturais e construir sua própria cultura e história. Conforme Todorov, “A literatura pode muito. Ela pode nos estender a

mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver” (TODOROV, 2009, p. 76).

É preciso que os docentes de língua portuguesa cumpram seu real papel social e deixem evidente para os estudantes que a literatura vale a pena; que ela abre caminhos para a compreensão da humanidade. Conforme Perrone-Moisés, “Se os professores negligenciarem a tarefa de mostrarem aos alunos os caminhos da literatura, estes serão desertados, e a cultura como um todo ficará ainda mais empobrecida” (PERRONE-MOISÉS, 2000, p. 350). E Compagnon evidencia: “É tempo de se fazer novamente o elogio da literatura, de protegê-la da depreciação na escola e no mundo” (COMPAGNON, 2012, p. 56). É exatamente por ter a função social “maior de tornar o mundo compreensível, transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas, que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas” (COSSON, 2014, p. 17). E conclui:

No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção”. (COSSON, 2014, p. 17).

Entendemos que, quando o objetivo é conduzir os alunos do ensino fundamental nas leituras e vivências de textos literários, o docente de língua portuguesa deve demonstrar interesse e motivação no tocante à literatura, sendo um exemplo para que os discentes tomem gosto, sintam-se estimulados à leitura e adquiram a bagagem necessária para as inferências e para a construção de sentidos do texto. De acordo com Silva, “[...] o professor deve ser um leitor, não só um devorador de livros, mas alguém que, além de fruir a leitura individual, em silêncio, seja também capaz de ler com expressividade, partilhando sua experiência com [...] seus alunos” (SILVA, 2009, p. 110).

2. Ensino de poesia

Na escola, a situação da leitura e do ensino da poesia, como já foi dito anteriormente, é mais complicada do que com a leitura e o ensino dos demais textos literários. A poesia é marginalizada e, assim, quase sempre não ocupa um lugar de prestígio na sala de aula. Ela deveria, na verdade, continuar fazendo parte da vida da criança e do adolescente no ambiente escolar. Antes de entrar para a

escola, a criança já teve contato com a poesia de diversas formas, a exemplo de cantigas de ninar, cantigas de roda, parlendas, quadrinhas populares e outros gêneros poéticos, principalmente os da modalidade oral. Todavia, a escola, com sua prática muitas vezes autoritária e ineficiente, quebra esse vínculo da criança com a arte poética e a faz esquecer e perder o gosto pela poesia. Sobre essa questão, eis o que assevera Abílio:

Constatar que as crianças, de modo geral, **são poetas** significa considerar a experiência linguística, lúdica e poética que [elas] possuem, antes mesmo de entrarem para a escola, experiência esta revelada pela oralidade, pela sonoridade e pelos jogos de palavras que criam, passando a constituir seu repertório presente nas cantigas, nas quadrinhas rimadas, ritmadas e em outras criações verbais tão próprias dessa fase de suas vidas. (ABÍLIO, 2006, p. 151; grifo nosso).

Essas palavras nos permitem afirmar que está no sangue do ser humano, desde sua tenra idade, a expressividade poética. Ao nascer, o indivíduo já convive, no seio de sua família, e nas primeiras aprendizagens quando da aquisição da linguagem oral, com a linguagem poética, o que se manifesta através da arte musical, canções, ritmos, rimas, melodias e fantasias. O poeta e crítico mexicano Octavio Paz deixa-nos informados de que a poesia não é uma arte inventada nem criada nos dias atuais. Esse teórico nos assegura que todos os povos tiveram e têm poesia, embora não se possa dizer o mesmo da prosa. Em outras palavras, existem civilizações sem prosa, mas não há povos sem poesia, porque esta é a maneira natural de o ser humano expressar seus sentimentos e necessidades.

A poesia pertence a todas as épocas: é a forma natural de expressão dos homens. Não há povos sem poesia; mas sem prosa, sim. Portanto, pode-se dizer que a prosa não é uma forma de expressão inerente à sociedade, ao passo que é inconcebível a existência de uma sociedade sem canções, mitos ou outras expressões poéticas. (PAZ, 2012, p. 74-75; grifo nosso).

Em se tratando da não existência de leitura da poesia na sala de aula, há uma forte tendência de muitos professores de língua materna alegarem que o texto poético – ou o poema – é muito hermético, de uma linguagem complicada, que requer um grande esforço intelectual, intuitivo e, por isso, de difícil compreensão, apreensão e inferência. Sendo assim, esta visão é transmitida para os alunos, que ficam com seu material e repertório de leitura demasiadamente restritos. Em algum momento da formação do indivíduo, perde-se o contato

com as formas líricas – especialmente a poesia lírica. Em contrapartida, Compagnon assim se pronuncia:

A poesia pode ser desconcertante, difícil, obscura, ambígua, mas o problema principal está com o leitor, a quem é preciso ensinar a ler mais cuidadosamente, a superar suas limitações individuais e culturais, a ‘respeitar a liberdade e autonomia do poema’ (COMPAGNON, 2010, p. 140; aspas do autor).

Essa colocação de Compagnon nos permite dizer que o maior problema de não se entender ou não inferir o texto poético não está na obra em si, mas sim na pessoa que a lê. Isso mostra que o nosso sistema educacional é bastante deficiente no trato com a formação de leitores autossuficientes e proficientes no próprio idioma. Inclusive, na própria universidade, em sua formação profissional, nem sempre o estudante de Letras desenvolve o gosto pela leitura do texto literário. Conforme Perrone-Moisés, com as propostas teóricas do pós-estruturalismo, “[...] na universidade a reflexão teórica [tomou] lugar dos estudos dos textos literários” (PERRONE-MOISÉS, 2000, p. 347). A pesquisadora Silva faz um questionamento sobre o fato de as pessoas, em geral, julgarem a poesia mais difícil de ser entendida e interpretada. Em seguida ela mesma dá a resposta, indicando qual deve ser a postura do leitor de poesia:

Por que as pessoas costumam achar que poesia é mais ‘difícil’? Sem dúvida porque requer uma atitude especial do leitor, semelhante à de um jogador: atenta, alerta, disponível. O texto poético bem realizado exige do leitor uma parceria ativa. Como num jogo, cabe-lhe fazer o seu lance, que consiste no preenchimento dos espaços do não dito, na tradução de metáforas e alegorias, no reconhecimento da ironia, no desvendamento do que é apenas sugerido, na descoberta de intertextualizações. (SILVA, 2009, p. 104; aspas da autora).

Dos gêneros da esfera literária, o poema é o que está mais distante da sala de aula; não sendo, obviamente, um hábito a leitura e vivência desse gênero na escola. Por esta razão, “[...] a tentativa de aproximá-la dos alunos deve ser feita de forma planejada” (PINHEIRO, 2007, p. 25). Este autor diz ainda: “Acreditamos que a leitura do texto poético tem peculiaridades e carece, portanto, de mais cuidados do que o texto em prosa” (p. 25). Na prosa, a linguagem é linear, com pontuação, frases normalmente escritas na ordem direta, estrutura textual convencional; enquanto que no texto poético não ocorre essa linearidade.

Na verdade, a própria palavra verso, nome dado a cada linha do poema, dá ideia de retomada, de retorno, de ida e volta. Esta é uma das razões para se ter maior atenção e capacidade intuitiva e intelectual para compreender as nuances do poema. O poeta e escritor Fernando Paixão expõe que “[...] a característica marcante da poesia é a de recriar o significado das palavras, colocando-as num contexto diferente do normal” (PAIXÃO, 1983, p. 14). Segundo esse poeta, “[...] a poesia está sempre revelando uma percepção subjetiva da realidade”. (p. 9). Esse escritor e poeta nos diz, no final de sua obra, que “A poesia está nas ruas./ A poesia está no ar./ A poesia está no outro./ A poesia está em cada canto” (p. 101). Ele também nos aconselha que não devemos esquecer

de ‘ler’ a realidade, de observá-la atentamente e perceber-lhe os sabores poéticos. Abrir os sentidos para ler um pouco mais a vida. Eis um gesto essencial para se entender os poetas e a química de suas palavras. Não ser apenas um leitor de livros, nem ler apenas com os olhos. Avançar os sinais da percepção: Ler com os ouvidos./ Ler com o nariz./ Ler com a boca./ Ler com a pele. (PAIXÃO, 1983, pp. 102-103; aspas do autor).

A poesia ecoa em lugares inesperados, tem a capacidade de nos afetar e assim nos encanta. Trata-se de “uma arte de expressão de vida, de afetos, de sons” (PARREIRAS, 2009, p. 61). Pensando no poder da poesia, Paixão assevera: “Conviver com a poesia permite-nos estar de olhos mais abertos, olhando além do que se vê, percebendo outros detalhes dentro dos contornos visíveis”. E completa: “[...] quanto mais constante e diversificado for o nosso contato com o universo poético, mais atento será o nosso olhar para as coisas em volta. Ler poemas nos ensina a olhar e sentir” (PAIXÃO, 1983, p. 41). Eis o que supõe Paixão sobre a arte poética: “Parece que a poesia age como um fogo rápido que esquenta a frieza do dia-a-dia e desvenda fatos reais através de uma lente especial: a sensibilidade” (p. 7). Estas e outras razões nos mostram ser imprescindível que o texto poético faça parte dos momentos de leitura dos alunos do ensino fundamental.

Distante do universo venal e materialista trazido pela modernidade, a arte – e a poesia em particular – mantém seu lugar na contramão dos sistemas vigentes, como é de sua natureza. Sorrenti afirma que “[...] a poesia e a arte em geral participam [da] área denominada ‘não lucrativa’ em que se inserem as atividades prazerosas e lúdicas, e por isso, excluídas do programa de vida de uma sociedade voltada para o lucro” (SORRENTI, 2015, p. 17; aspas da autora). Portanto, fica evidente que a poesia é desprestigiada e não valorizada como poderia e deveria ser no contexto escolar.

Faz-se mister atentarmos para o fato de que a linguagem poética apresenta certos desvios gramaticais – a chamada licença poética –, rompimentos com a ordem do discurso, reinvenções morfológicas e desarrumação das estruturas sintáticas, numa espécie de subversão às convenções da língua, o que implica desnorteio e desautomatização do pensamento, causando estranheza e dificuldade de entendimento. A dificuldade dos leitores está justamente nesse contato com formas textuais não convencionais, constituídas de estrutura irregular quando comparada aos modelos textuais que circulam mais comumente. O próprio aspecto gráfico do poema sinaliza um rompimento com a linearidade discursiva, pois dispõe de espaçamentos e pausas que destoam dos textos prosaicos. A poesia possibilita novas formas de percepção, múltiplas perspectivas e refinamento do universo afetivo e psíquico do indivíduo.

A subjetividade, que é inerente ao texto literário e, sobretudo, à poesia; a seleção e disposição vocabular, as figuras de linguagem, a plurissignificação, os recursos expressivos e estilísticos usados pelo poeta e, muitas vezes, a intertextualidade são técnicas e procedimentos realizados no texto poético que requerem do leitor uma atenção bem mais acurada. Nesse aspecto, Ramalho enfatiza: “Privilegiando a linguagem simbólica, o poema exige leitores maduros, com sensibilidade mais aguçada para perceber imagens, efeitos sonoros, metáforas, representações simbólicas, etc.” (RAMALHO, 2014, p. 83).

Para se ler poesia, é necessário um olhar arguto, sensível e emotivo. Segundo Oberg, “A linguagem poética requer formas de aproximação, que incluem não apenas aspectos cognitivos, mas também imaginativos, afetivos e sensoriais” (OBERG, 2006, p.149). No ato da leitura de poema ou de qualquer outro texto de linguagem poética, o aluno precisa ser motivado e incentivado a sentir a obra, a imaginar, a abstrair, a recriar, a olhar de forma apaixonada, a ler as imagens que há no texto, a acreditar que a poesia é necessária em sua vida. Para tanto, é preciso que o professor vivencie a leitura do texto e, no momento da leitura oral, expresse a emoção que emana deste. Conforme Pinheiro:

Um professor que não é capaz de se emocionar com uma imagem, com uma descrição, com o ritmo de um determinado poema, dificilmente revelará, na prática, que a poesia vale a pena, que a experiência simbólica condensada naquelas palavras são essências em sua vida. Creio que sem um mínimo de entusiasmo, dificilmente conseguiremos sensibilizar nossos alunos para a riqueza semântica da poesia”. (PINHEIRO, 2007, p. 26).

O objetivo precípua do trabalho com o texto lírico deve ser sua leitura e não a exploração de aspectos e tópicos gramaticais, linguísticos e normativos da língua. Em contrapartida, podemos afirmar que é possível, sim, trabalhar aspectos linguísticos e gramaticais no texto lírico, mas não se deve perder de vista que os procedimentos de linguagem estão todos subordinados à emoção lírica, ou seja, são resultados, efeitos da emoção lírica. Embora esse gênero textual possa ser fonte de base para obtenção de tais conhecimentos, podemos afirmar que sua leitura e vivência são o que mais importa, pois o texto lírico irá ensinar para as emoções e aprimorar a capacidade de abstração do aluno.

A pesquisadora Oberg corrobora esse pensamento quando diz que “Os poemas até podem ser um material importante para conhecermos a língua, a gramática, a vida e o estilo de determinados autores, mas, na verdade, eles são feitos, antes de mais nada, para serem **lidos** – para o encontro com o leitor”. (OBERG, 2006, p. 148 – grifo da autora). Mas para isso, o professor deve ter consciência do papel que a poesia exerce nos meios sociais. Neste sentido, Pinheiro diz: “Sem ter claras as funções sociais da poesia, dificilmente o professor se engajará na militância da vivência do poético com seus alunos” (PINHEIRO, 2007, p. 14).

Ao ponderar sobre o trabalho didático com a poesia e o texto poético em sala de aula no ensino fundamental, podemos afirmar que não é uma prática comum entre os professores de língua materna explorar esse gênero textual. Dentre as justificativas e motivos que eles expõem para não realizarem um trabalho didático com o texto em verso está o fato, segundo os docentes, de que a poesia é bastante hermética e é um gênero de texto que demanda bem mais tempo para ser diluído. De acordo com Sorrenti, “O professor alega que não apresenta a poesia em suas aulas por não saber como proceder, além de afirmar que o referido gênero demanda tempo e paciência para ser trabalhado” (SORRENTI, 2015, p.17).

Negreiros, por sua vez, revela que “[...] o trabalho com textos literários, sobretudo com poemas, muitas vezes torna-se algo distante da realidade do cotidiano escolar brasileiro” (NEGREIROS, 2014, p.67). No tocante à leitura de poemas, Abílio expõe que “[...] quando ingressamos na escola, dificilmente somos estimulados a ouvir e ler poemas” (ABÍLIO, 2006, p.151). Quando se trata da leitura de poemas entre os jovens e adolescentes, constatamos que, muitas vezes, eles não mostram simpatia nem gosto por esse gênero por conta de valores deturpados, além de viverem imersos numa sociedade conflituosa, confusa e com forte apelo das novas tecnologias de informação e comunicação, embora entendamos que estas podem ser grandes aliadas no trabalho com o texto lírico. Reforçando essa ideia, Sorrenti comenta: “Nossos adolescentes costumam ser resistentes à poesia, de modo geral, porque enfrentam uma fase conflitiva, em que os valores se digla-

diam” (SORRENTI, 2013, p. 29). E continua: “O adolescente costuma andar muito ocupado com as novas tecnologias e não são muitos os que se dispõem a desarmar o seu tumultuado coração para acolher os versos”. (SORRENTI, 2013, p. 29).

Apesar de concordarmos com o fato de que o jovem pode ler qualquer texto poético, os adolescentes procuram “abordagens que tenham a ver com suas indagações e desejos” (SORRENTI, 2013, p. 31). Com relação à necessidade de o educador também ler e viver a poesia, essa mesma autora diz que “[...] há que se construir o ser poético também em adultos educadores, que não tiveram um contato mais estreito com a poesia” (p. 151).

Isso deixa evidente que muitos dos professores de Língua Portuguesa, quicá a maioria, não leram poemas em sua fase de escolarização nem se tornaram letrados para o texto lírico. Entretanto, a escola e os professores de língua portuguesa precisam assumir e cumprir o papel de formar leitores de poemas e saber como realizar, de forma adequada e significativa, essa atividade e, assim, educar para as emoções e sensibilidade através do letramento lírico.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho discutimos sobre a necessidade do letramento lírico, por meio dos gêneros textuais da esfera literária, sobretudo da poesia, e a grande importância da leitura e vivência do texto poético na sala de aula e na escola do ensino fundamental, demonstrando que, sem a prática desse tipo de leitura, os alunos permanecem limitados em sua visão de mundo, não despertam seus sentidos crítico e estético, não aguçam sua sensibilidade e não aprendem para suas emoções.

Diante do grande valor da poesia para o despertar da consciência crítica e para uma mais ampla e rica visão de mundo dos estudantes, é necessário e urgente a presença e prestígio da poesia na sala de aula e na escola, haja vista seu poder de humanização e sensibilização na vida de nossas crianças, adolescentes e jovens, a fim de que possam despertar seus sentidos crítico e estético, tornem-se cidadãos e alcancem uma posição de destaque na sociedade, que tanto carece deles.

No entanto, para que os alunos sejam beneficiados pela riqueza da poesia em suas vidas, os professores de língua materna devem repensar suas práticas e procurar ser leitores assíduos da arte poética e da literatura como um todo e possam, assim, transmitir o prazer, a fruição e a proficiência nessas leituras, pois somente desta forma é que nossos alunos poderão ter o gosto pela poesia e usá-la em sua vida, ampliando sua visão de mundo, imaginação e criatividade.

Faz-se mister, pois, capacitar os docentes da educação básica, sobretudo os docentes que atuam no ensino fundamental e lecionam língua materna, o que deve acontecer não apenas pela instrumentalização e pelas metodologias de seu trabalho, mas também pela consciência a ser resgatada do valor da poesia e de seu benefício para a vida individual e social.

Referências

- ABÍLIO, Eleonora Cretton. Leitura da literatura: a construção do ser poético. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de. & MENDONÇA, Rosa Helena (orgs.). *Práticas de leitura e escrita*. Brasília: Ministério da Educação, 2006, p. 150-154.
- ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino – outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo: Ática, 1987, p. 169-191.
- COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- _____. O leitor. In: *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. 2. ed. Trad. Cleonice Paes B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p.137-161.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2014.
- DALVI, Maria Amélia. Literatura na escola: propostas didático-metodológicas. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita. (orgs.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 67-97.
- LAJOLO, Marisa. Poesia: uma frágil vítima da escola. In: *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. edição, São Paulo: Editora Ática, 2000, p. 41-51.
- NEGREIROS, Gil. Oralidade e poesia em sala de aula. In: ELIAS, Vanda Maria. (org.) *Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita, leitura*. Editora Contexto, São Paulo: 2014, p. 67-78.
- OBERG, Silvia. Como vai a poesia? In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de. & MENDONÇA, Rosa Helena (orgs.). *Práticas de leitura e escrita*. Brasília: Ministério da Educação, 2006, p. 146-148.
- PARREIRAS, Ninfa. É tempo de poesia. In: *Confusão de línguas na literatura: o que o adulto escreve, a criança lê*. Belo Horizonte: RHJ Editora, 2009, pp. 61-71.
- PAIXÃO, Fernando. *O que é poesia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- PAZ, Octavio. Poesia e poema. In: _____. *O arco e a lira*. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 21-33.
- PAZ, Octavio. Verso e prosa. In: _____. *O arco e a lira*. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 74-75.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Consideração intempestiva sobre o ensino da literatura. In: *Inútil poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 345-351.
- PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. 3. edição, Campina Grande/PB: Bagagem, 2007.

RAMALHO, Cristina Bielinski. *O poema na sala de aula: por novas estratégias para valorizar essa presença*. In: Trilhas da formação docente – Revista de Divulgação das atividades do Pibid. Universidade Federal de Sergipe. Volume 1, nº 1, São Cristóvão: Editora UFS, 2014, p.82-87.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. Nos domínios da sensibilidade. In: *Leitura literária & outras leituras: impasses e alternativas no trabalho do professor*. Belo Horizonte: RHJ Editora, 2009, pp. 99-126.

SORRENTI, Neusa. *A poesia vai à escola – Reflexões, comentários e dicas de atividade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 2. ed. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.